

A PESQUISA GERATIVISTA EM AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA UMA REVISÃO

Samara Ruas

INTRODUÇÃO

Na década de 80, a pesquisa gerativista em Aquisição de Segunda Língua (ASL) se estabeleceu com o objetivo de investigar a representação mental da interlíngua, quanto a “se” e “em que medida” seria restringida pelos princípios da Gramática Universal (GU). Partindo do pressuposto de que esses princípios restringem a gramática das línguas naturais e, portanto, da língua nativa do aprendiz, também era relevante observar o papel da L1 na L2.

Muitas hipóteses foram levantadas e discutidas acerca da atuação da GU, do papel da L1, da natureza dos estágios inicial e final, e da opcionalidade. Essas hipóteses foram amplamente averiguadas, com base nos dados coletados por meio da aplicação de tarefas de produção e compreensão, em contexto de imersão ou não, envolvendo diferentes L1s/ L2s.

Os fenômenos linguísticos investigados estavam mais voltados para a (morfo)sintaxe, quadro que vem mudando nos últimos anos, devido ao crescente interesse pelos estudos de interface. Os dados estão descritos e analisados em termos de parâmetros, categorias funcionais, traços e/ou valores de traços, consoante os modelos desenvolvidos dentro da Teoria Gerativa.

Mais recentemente, tem-se questionado a validade teórica e empírica de primitivos, bem como de modelos para a representação de gramáticas bilíngues. A opcionalidade e a assimetria entre produção e compreensão estão no centro de um debate atual.

Neste capítulo, temos o objetivo de apresentar uma breve revisão da pesquisa gerativista em ASL, quanto às questões pontuadas anteriormente. Organizamos o texto da seguinte maneira: na primeira seção, apresentamos os pressupostos teóricos da Teoria Gerativa, a fim de se esclarecer o problema lógico da linguagem na aquisição da L1 e da L2; na segunda seção, apresentamos os problemas, as perguntas e as hipóteses de investigação com relação à atuação da GU e da L1, à natureza dos estágios inicial e final de aquisição, e à opcionalidade; na terceira seção, apresentamos alguns estudos realizados ao longo dos anos sobre a aquisição do parâmetro *pro-drop*, da ordem de palavras, e da interface sintaxe-discurso; na quarta seção, apresentamos algumas questões debatidas atualmente; e na última seção, apresentamos as considerações finais.

1. OS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 O Problema Lógico da Aquisição da Linguagem e o modelo de Princípios e Parâmetros

Chomsky (1959), ao contestar as ideias defendidas por Skinner (1957) no livro *Verbal Behavior*, apresenta argumentos contrários à aquisição da língua como um mecanismo de estímulo-resposta.

Os argumentos apresentados por Chomsky foram formulados como Problema Lógico da Aquisição da Linguagem (ou Problema de Platão): como explicar a riqueza e a complexidade do conhecimento de linguagem, dadas as limitações dos dados disponíveis? O que a criança sabe de sua língua vai além do que o *input* permite observar. A criança tem conhecimento daquilo que a sua língua não produz e pode criar enunciados. A pobreza de estímulo, a ausência de evidência negativa e a criatividade linguística constituíram evidências para a hipótese da GU.

A GU está dotada de princípios universais. Há dois tipos de princípios: os invariáveis e os variáveis. Os princípios invariáveis são próprios às línguas naturais. Os princípios variáveis – os parâmetros – são fixados durante o processo de aquisição, a partir dos dados linguísticos primários¹ (CHOMSKY, 1986).

¹ Eguren, Fernández-Soriano e Mendikoetxea (2016, p. 2) explicam que a noção de parâmetro foi concebida sob dois aspectos: como princípios da gramática, os quais também poderiam estar relacionados a um módulo (Teoria Theta, Teoria de Caso etc.) ou à escolha do nível (Estrutura Profunda, Estrutura Superficial, LF) para a aplicação de uma operação; e como um conjunto de propriedades sintáticas.

Entre esses dois tipos de princípios estão, respectivamente, o Princípio da Projeção Estendida (EPP – *Extended Projection Principle*) e o Parâmetro do Sujeito Nulo (*pro-drop*). O Princípio da Projeção Estendida determina que toda sentença apresenta uma posição estrutural de sujeito. A possibilidade de que esta posição seja ou não preenchida é um princípio variável conhecido como Parâmetro do Sujeito Nulo.

Sob uma perspectiva paramétrica clássica, uma série de previsões é feita quanto à possibilidade de inversão de constituintes a partir das propriedades morfológicas de uma língua². Por exemplo, línguas com propriedades morfológicas de concordância rica permitem que o sujeito da sentença não seja pronunciado. Estas, denominadas línguas *pro-drop* (ou línguas [+sujeito nulo]), apresentam mais flexibilidade quanto à ordem, como o espanhol. Línguas não *pro-drop* (ou línguas [-sujeito nulo]) apresentam pouca (ou nenhuma) flexibilidade no posicionamento dos constituintes, como o inglês³.

Listamos algumas das propriedades de línguas *pro-drop* em (1):

- (1) a. Sujeitos pronominais sem conteúdo fonético;
- b. Inversão livre de sujeito;
- c. Ausência de efeitos *that-trace*; e
- d. Possibilidade de pronomes expletivos nulos.

As propriedades listadas em (1) são exemplificadas em (2), respectivamente:

- (2) a. Llegué tarde.
 a'. Yo llegué tarde.
- b. Llamó Juan.
 b'. Juan llamó.
- c. ¿Quién crees que t jugará?
 c'. *¿Quién crees jugará?
- d. Llueve.
 d'. *Ello llueve⁴.

² Para uma revisão crítica da noção de parâmetro, ver Robert e Holmberg (2010) e Boeckx (2014).

³ Ressaltamos que o espanhol apresenta variação quanto às propriedades relacionadas ao parâmetro *pro-drop*. O espanhol caribenho pode ser aproximado ao PB, enquanto o espanhol não caribenho pode ser aproximado ao PE, por exemplo, quanto ao preenchimento da posição de sujeito pronominal e à inversão da ordem sujeito-verbo. O inglês *Belfast* também difere significativamente do (dito) inglês *Standard* (HENRY, 1995).

⁴ O expletivo “ello” é atestado no espanhol dominicano (TORIBIO, 2000).

Os exemplos do inglês, língua não *pro-drop*, representam uma contraparte às propriedades listadas em (1), conforme podemos observar em (3):

- (3) a. I arrived late.
a'. *Arrived late.
b. John called.
b'. *Called John.
c. Who do you think will play.
c'. *Who do you think that t will play.
d. It rains.
d'. *Rains.

A hipótese da GU representa uma solução para o problema lógico da aquisição da linguagem, pois explica a complexidade do conhecimento linguístico da criança para além do que lhe é proporcionado pelo *input*.

Com relação à ASL, o problema lógico consiste em saber se aprendizes alcançam conhecimento inconsciente que vá além do *input* da L2. Como desdobramento do problema lógico na aquisição da L2, essas teorias estavam interessadas em investigar se o conhecimento inconsciente seria alcançado por meio da GU (WHITE, 2003a, b).

Embora se leve em conta o papel desempenhado pela língua nativa do aprendiz, gerativistas se debruçaram mais especificamente na suposição de que as representações mentais de uma língua são restritas por universais próprios da linguagem humana. Esses universais linguísticos restringem o “espaço de hipótese”, de modo que a representação da interlíngua também estaria prevista na GU.

Por trás dessas questões, está a ideia de que o papel do aprendiz é reconfigurar as propriedades formais de sua L1 para alcançar a gramática da L2 no estágio final.

2. A AGENDA DE PESQUISA

A ASL gerativista se consolidou como teoria de representação, isto é, com o objetivo de descrever as representações mentais da interlíngua nos vários estágios de desenvolvimento. Buscava-se responder se os aprendizes poderiam alcançar conhecimento inconsciente para além do que o *input* permite observar e, em caso positivo, se seria alcançado por meio da GU. Partindo do pressuposto de que os princípios da GU restringem a gramática da língua nativa do aprendiz, também se discutia o papel da L1 na L2. Portanto, duas questões foram especial

e amplamente discutidas, concorrendo para o levantamento de muitas hipóteses: a primeira diz respeito à atuação da GU e o papel da L1, e a segunda, à natureza dos estágios inicial e final da aquisição.

Essas questões podem ser sintetizadas da seguinte maneira: a GU está disponível?; a GU está presente nos estágios iniciais da aquisição de uma segunda língua?; e a GU opera apenas nos estágios subsequentes? Como desdobramento das questões anteriores: há transferência dos valores paramétricos da L1?; e em quais estágios ocorre a transferência? Quanto à natureza dos estágios inicial e final: o estágio inicial corresponde à GU ou à gramática da L1?; e no estágio final, há convergência ou divergência com a gramática alvo?

2.1 Hipóteses sobre a atuação da GU

White (2003a, b) apresenta três hipóteses relacionadas ao acesso à GU: *Não acesso*, *Acesso direto* e *Acesso indireto*.

I. Não acesso

Alguns estudiosos favoráveis à hipótese de *Não acesso* à GU, como Bley-Vroman (1990), sustentam que na aquisição de L2 não há restrição dos princípios da GU. Para outros, como Schachter (1989), as propriedades da GU são acessadas somente via L1. Sob essa ótica, os aprendizes estão “presos” aos parâmetros da L1. Segundo White, o fato de admitir a restrição da GU via L1 do aprendiz, já torna o termo “nenhum acesso” inadequado. Desse modo, essa hipótese é chamada também de *Acesso parcial*.

II. Acesso direto

Pela hipótese do *Acesso direto*, a interlíngua evidencia restrições dos princípios da GU e a fixação de outros parâmetros que não os da L1. Os aprendizes de L2 chegam a propriedades relevantes da L2 independente da gramática da L1. Essa hipótese também é conhecida como *Acesso total*⁵. Para proponentes do *Acesso direto* ou *total*, como Flynn (1987), na aquisição da L2 por adultos, não há transferência de valores paramétricos da L1 em qualquer dos estágios

⁵ White (2003a, p. 27-28) esclarece que os termos “direto” e “total” não foram/são usados sob as mesmas prerrogativas na literatura. Alguns falavam em *acesso direto* no sentido de que aprendizes adquirem as propriedades da GU independentemente de sua L1. Outros se referiam a qualquer configuração paramétrica legítima (na L1, L2, Ln). *Acesso total* corresponde de certo modo a *acesso direto*. Enquanto para alguns isso implica que a GU opere independentemente da representação da L1, para outros, não.

iniciais da aquisição. Schwartz e Sprouse (1996), no entanto, defendem que não há incompatibilidade na pressuposição de que tanto a GU quanto a gramática da L1 estejam implicadas.

III. Acesso Indireto

Proponentes da hipótese do *Acesso indireto*, como White (2003a, b), defendem que, inicialmente, o acesso ocorre via a gramática da L1, com a possibilidade de uma posterior reestruturação da gramática e da refixação dos valores paramétricos, em função da exposição do aprendiz aos dados da L2.

Para White (2003a, b), os princípios que governam o processo de aquisição da L1 são verificados também no processo de aquisição da L2. A autora argumenta que o comportamento linguístico dos aprendizes de L2 pode ser explicado em termos de uma interlíngua, que é restringida por princípios e parâmetros da GU via L1. Por meio da exposição aos dados da L2, o aprendiz altera os valores paramétricos iniciais. Desta sorte, também haveria acesso direto à GU.

Vários estudos apresentam evidências favoráveis a essa hipótese, tais como a pobreza de estímulo e as diferenças paramétricas existentes entre a L1 e a L2. Há fenômenos investigados na aquisição de L2 que não são determinados pelos dados recebidos. Além disso, o fato de o fenômeno investigado apresentar parâmetros não observados na L1 e na L2 também evidenciaria a atuação da GU, se os desvios do aprendiz não refletem nem a gramática da L1, nem a da L2, mas são verificados em outras línguas naturais.

2.2 Hipóteses sobre os estágios inicial e final

Além da discussão acerca do problema lógico da aquisição da linguagem e da atuação da GU na L2, outra questão específica e amplamente discutida foi a natureza dos estágios inicial e final, o que está relacionado às questões anteriores.

De modo geral, é possível dividir as hipóteses em dois grupos: por um lado, estão aquelas que defendem que o estágio inicial corresponde à GU; por outro lado, aquelas que rejeitam essa ideia e defendem que o estágio inicial corresponde à L1. Elas podem divergir ainda quanto ao papel da L1, isto é, se o estágio inicial – com ou sem restrição da GU – corresponde à L1 com todas as suas propriedades ou com algumas de suas propriedades.

Sauter (2002), considerando as questões relacionadas ao papel da L1 e da GU no processo de aquisição de L2, mapeia as seguintes hipóteses: *Nenhuma Transferência/Nenhum Acesso*; *Nenhuma Transferência/Acesso Total*;

*Transferência Parcial/Nenhum acesso; Transferência Parcial/Acesso Total; Transferência Total/Nenhum acesso; e Transferência Total/Acesso Total*⁶.

I. Nenhuma Transferência/Nenhum Acesso

Clahsen e Muysken (1986) e Meisel (1997), proponentes da hipótese de *Nenhuma Transferência/Nenhum Acesso*, defendem que não há restrição da GU nem transferência da L1 no processo de aquisição da L2. Para os autores, não há acesso direto ou indireto à GU, neste caso, via L1.

Para proponentes desta hipótese, a aquisição da L2 se dá por meio de outras capacidades cognitivas.

II. Nenhuma Transferência/Acesso Total

Segundo esta hipótese, defendida por Platzack (1996), entre outros, a aquisição de L1 e de L2 se dá de maneira similar. Para os seus defensores, o estágio inicial da L2 é como o da L1, e todas as propriedades da GU estão disponíveis. Sendo assim, entende-se que os parâmetros da L1 não interferem na aquisição da L2. Após o estágio inicial, a L2 seria completamente restringida pela GU e os aprendizes chegariam à mesma gramática dos falantes nativos.

III. Transferência Parcial/ Nenhum Acesso

Eubank et al. (1997) defendem que o estágio inicial da L2 apresenta propriedades da L1, mas não totalmente. O desenvolvimento subsequente seria restringido pela GU por intermédio das propriedades da L1 que se encontram na gramática da L2. Para eles, falantes da L2 com diferentes L1s apresentariam gramáticas finais distintas. Não há, portanto, modificação nos valores paramétricos da L2. Estes permanecem os mesmos encontrados na L1.

IV. Transferência Parcial/Acesso Total

Assim como na hipótese anterior, há transferência parcial das propriedades da L1. Contudo, com relação aos estágios subsequentes, defende-se que a gramática é restringida pela GU, diferentemente da hipótese de *Nenhum Acesso*. Os

⁶ Muitas dessas hipóteses receberam nomes. Entre as que consideram que o estágio inicial corresponde à GU estão a *Hipótese Inicial da Sintaxe* e de *Acesso Total (sem transferência)*; entre as que consideram que o estágio inicial corresponde à gramática da L1 estão a *Hipótese das Árvores Mínimas*, a *Hipótese dos Traços sem Valores* e a de *Transferência Total/Acesso Total*. Essas hipóteses são revisadas por White (2003b), no capítulo 3.

aprendizes chegariam a reconfigurar os parâmetros da L2 com base no *input* em interação com as propriedades da GU não utilizadas. Esta hipótese é assumida por Eubank (1996).

V. Transferência Total/Acesso Total

Para defensores desta hipótese, como Schwartz e Sprouse (1996) e White (2003a, b), além de haver transferência da L1 nos estágios iniciais, posteriormente, há acesso à GU. Esses investigadores acreditam que o desenvolvimento da gramática da L2 se dá mediante falhas na L2, a partir das quais o aprendiz acessa o inventário de princípios da GU. O estágio final da L2 poderá ou não alcançar a gramática do nativo.

VI. Transferência Total/Nenhum Acesso

Esta hipótese é defendida por Sauter (2002). Aqui, a gramática final da L1 equivale aos estágios iniciais e finais da L2. A L2 só poderia ser restringida pela GU via L1, isto é, por propriedades da L1. Sendo assim, a reconfiguração dos valores paramétricos não seria possível. O autor sustenta que todas as propriedades da L1 relacionadas a um determinado parâmetro são transferidas para a L2. Na medida em que os dados da L2 não fossem acomodados de acordo com as propriedades da L1, os aprendizes recorreriam a estratégias de construção de estruturas na interlíngua. Desta sorte, o estágio final da L2 estaria predeterminado a divergir qualitativamente da gramática do nativo.

Considerando as hipóteses que postulam a atuação da GU, o estágio final (ou estacionário) pode ser: (i) idêntico ao da gramática dos falantes de L2, sujeito às mesmas restrições da GU e configurações paramétricas; (ii) diferente, com restrição da GU; ou (iii) diferente, sem restrições da GU.

De acordo com (i) e (ii), há atuação da GU desde o início do processo de aquisição até o estágio estacionário. Essas duas hipóteses diferem quanto à possibilidade ou não de que a gramática do falante de L2 seja semelhante ao do falante nativo. De acordo com (iii), a gramática é comprometida, de modo que o estágio final dos falantes de L2 será radicalmente diferente da gramática dos nativos.

Essas hipóteses fazem as seguintes previsões acerca do estágio final:

I. Convergência (*native-like*)

Segundo esta corrente, a gramática do estágio final da L2 é igual à gramática do falante nativo da L2, pois é restrita pelos mesmos princípios e possui os mesmos valores paramétricos.

II. Divergência condicionada pela GU (*near-native*)

A gramática da L2 difere da gramática dos falantes nativos porque pode combinar propriedades da L1 e da L2, além de outras línguas.

III. Divergência não-condicionada pela GU (*non-native*)

A gramática do estágio estacionário é qualitativamente distinta da gramática do falante nativo da L2. Seria um tipo de gramática “selvagem” (*wild*).

White (2003a, b) assinala que acesso não implica dizer que haverá necessariamente convergência na gramática final do falante de L2. Acrescenta também que o desempenho não reflete fielmente a competência do falante, de maneira que esta seja muitas vezes subestimada pela performance. A hipótese defendida pela autora – *Transferência Total/Acesso Total* – daria conta tanto da possibilidade de convergência, quanto de divergência entre a gramática final do falante de L2 e a do nativo.

2.2.1 Hipóteses sobre a opcionalidade no estágio final

Outra questão muito discutida diz respeito à opcionalidade comumente constatada no estágio final da aquisição de L2. Na literatura gerativista, associa-se a variabilidade a uma gramática da L2 “falha”, “incompleta”, ou ainda, “com prejuízos”.

Como assinala Sorace (2003), uma das diferenças entre a aquisição de L1 e L2 consiste, respectivamente, na eliminação e não eliminação das formas opcionais que não fazem parte da gramática alvo (nativa, adulta). Com outras palavras, enquanto na aquisição de L1 há um período de subespecificação de propriedades em que variações opcionais ausentes na gramática alvo serão selecionadas e posteriormente eliminadas, na aquisição de L2, a subespecificação de propriedades é comumente observada nas gramáticas “finais” dos aprendizes:

No estágio final típico da L2, caracterizado pela opcionalidade, variantes opcionais não estão em livre variação: um estágio final é alcançado, em que a opção-alvo é fortemente, mas não categoricamente preferida e, assim, a opção não-alvo se manifesta em algumas circunstâncias. (SORACE, 1999, p. 666, *tradução nossa*).

Há várias hipóteses acerca da opcionalidade no estágio final, as quais podemos dividir em dois grupos: em um grupo estão aquelas que se centram em questões relacionadas ao desempenho (como, por exemplo, processamento *on-line*, memória e recuperação lexical); e em outro, aquelas que se centram em questões relacionadas à competência, isto é, a representação da gramática do aprendiz.

Devido aos objetivos deste texto, serão abordadas algumas das hipóteses enquadradas neste segundo grupo.

Valenzuela (2008, p. 541) as divide em hipóteses de “prejuízo” e de “não-prejuízo”. De acordo com as primeiras, novas projeções funcionais, traços funcionais e/ou suas especificações não são adquiríveis após o período crítico. Elas seguem a linha defendida por Tsimpli e Roussou (1991), Smith e Tsimpli (1995) e Hawkins e Chan (1997). De acordo com as segundas, categorias funcionais, traços funcionais e/ou suas especificações são adquiríveis na aquisição adulta de L2. Elas seguem a linha defendida por Schwartz e Sprouse (1996) e White (1989, 2003a, b).

Tsimpli e Roussou (1991) e Smith e Tsimpli (1995) formulam a *Hipótese de Não Reconfiguração Paramétrica*. Nessa hipótese, o sub-módulo da GU que contém todas as categorias funcionais – no qual se dá a variação paramétrica – está sujeito a restrições maturacionais, em outras palavras, ao período crítico. Na aquisição da L2, esse módulo funcional não estaria mais acessível, levando à “falha” representacional. Sendo assim, a reconfiguração paramétrica não seria possível quando a L1 e a L2 envolvidas nesse processo apresentassem diferentes valores paramétricos.

Em linha com a hipótese anterior, Hawkins e Chan (1997) defendem a *Hipótese dos Traços Funcionais Falhos*. O aprendiz adulto pode alcançar uma representação gramatical próxima a do falante nativo, mas só quando isso envolve propriedades para as quais há evidência positiva. Traços não selecionados antes do período crítico – ausentes na L1 – estariam indisponíveis.

Mais recentemente, dentro da *Abordagem de Déficit Representacional*, Tsimpli e Mastropavlou (2008) defendem que traços não-interpretáveis são problemáticos na aquisição da L2 (assim como da L1).

De outra sorte, na linha da hipótese de *Transferência Total/Acesso Total*, Schwartz e Sprouse (1996) defendem que propriedades ausentes na L1 podem ser adquiridas na L2. Desvios podem ser decorrentes do desempenho, não refletindo, portanto, a competência.

Outras duas hipóteses que merecem destaque são a *Hipótese de Flexão Ausente* e a *Hipótese de Transferência Prosódica*. Naquela, um traço morfosintático pode estar representado na gramática do aprendiz, com as suas consequências sintáticas, sem a sua realização morfológica visível. Nesta última, as propriedades fonológicas da L1 podem concorrer para a não realização de determinada forma.

Mais recentemente, tem-se averiguado a *Hipótese da Interface* (SORACE, 2011), segundo a qual estruturas que envolvem interface entre a sintaxe e outros

domínios são menos prováveis de serem adquiridas completamente. Essa hipótese tem sido muito discutida nos estudos interessados em investigar aspectos linguísticos envolvendo a interface sintaxe-pragmática, tais como preenchimento pronominal da posição estrutural de sujeito em línguas *pro-drop*, marcação de foco estreito de sujeito em línguas que exibem inversão VS e deslocamento clítico à esquerda.

A seguir, apresentamos alguns estudos, nos quais se discutem hipóteses de aquisição de segunda língua.

3. ALGUNS ESTUDOS

A ASL gerativista se desenvolveu paralelamente às reformulações da teoria gerativa (CHOMSKY, 1986, 1995).

Inicialmente, a representação da interlíngua era discutida em termos de parâmetros. Pesquisadores investigaram se aprendizes transferiam os valores paramétricos da L1 na L2, se podiam reconfigurá-los, se as diferentes propriedades associadas a um parâmetro eram adquiridas ao mesmo tempo e se a aquisição de uma única propriedade associada a um parâmetro desencadearia a reconfiguração do parâmetro. Quanto ao que poderia (ou deveria) ser adquirido, investigaram a presença ou ausência de categorias funcionais, de traços abstratos nos núcleos funcionais e os valores de traços ([não-interpretável] / [interpretável], [forte] / [fraco]).

Muito do que se discute na literatura tem como base estudos voltados para a aquisição da morfossintaxe. Mais recentemente, vários estudos têm explorado a sintaxe e sua interface com outros componentes linguísticos, entre os quais, a pragmática.

3.1 O parâmetro *pro-drop*

3.1.1 White (1985)

White (1985) realizou um dos estudos pioneiros envolvendo a aquisição do parâmetro *pro-drop* em espanhol por falantes adultos de inglês. A autora investigou se os aprendizes poderiam adquirir as propriedades paramétricas [+*pro-drop*] da L2 – sujeito nulo, inversão livre de sujeito e ausência de efeito *that-trace* – e se essas propriedades seriam adquiridas de uma só vez, tal como observado na aquisição de L1.

As hipóteses iniciais eram: se o parâmetro da L1 não estava ativo na L2, o aprendiz deveria perder o da L1, mas, inicialmente, transferiria estruturas da L1 na L2. Perdendo o parâmetro da L1, todos os aspectos relacionados a esse

parâmetro deveriam ser perdidos. Para testar suas hipóteses, a autora aplicou um teste de julgamento de gramaticalidade a falantes nativos de inglês e a falantes de espanhol aprendizes de inglês.

Nos resultados, a autora constatou que a aquisição das propriedades relacionadas ao parâmetro *pro-drop* não era simétrica. Embora houvesse um aumento de acertos em função do nível de proficiência, os aprendizes apresentavam mais dificuldade em lidar com o efeito *that-trace*, depois, com a omissão do sujeito, e por último, com a inversão da ordem sujeito-verbo.

3.1.2 Liceras (1989)

Liceras (1989) investigou a aquisição do parâmetro *pro-drop* por falantes de inglês e francês aprendizes de espanhol como L2. A autora parte das seguintes hipóteses: aprendizes não necessariamente começam com a configuração paramétrica da L1 se a opção da L2 é a não-marcada (a autora considera ser este o valor paramétrico do espanhol); a aquisição do sujeito nulo é uma condição para a aquisição da inversão da ordem e violação *that-trace*; e há uma hierarquia implicacional (*pro-drop* > inversão > *that-trace*), de maneira que, se o aprendiz adquiriu *that-trace*, deve ter adquirido as demais propriedades.

Para testar suas hipóteses, a autora aplicou um teste de julgamento de gramaticalidade. Com relação ao sujeito nulo, observou que *pro* é facilmente incorporado na interlíngua. Aprendizes em nível avançado não aceitaram expletivo lexicalizado (“ello”). Quanto à inversão, enquanto falantes nativos de espanhol aceitaram todas as inversões, os aprendizes aceitaram menos a inversão com predicados inergativos e transitivos. Quanto ao efeito *that-trace*, houve mais acertos por parte dos aprendizes falantes de francês que de inglês.

Assim como White (1985), Liceras (1989) conclui que as três propriedades atribuídas ao parâmetro *pro-drop* não têm o mesmo *status* na interlíngua, mas que isso não seria evidência contrária à possível relação entre elas na gramática. Conforme sua hipótese, a aquisição da inversão e do efeito *that-trace* não seria possível antes que fosse adquirido o sujeito nulo (e a flexão do verbo), uma condição necessária, mas não suficiente, nas palavras da autora.

3.1.3 Smith e Tsimpli (1995)

Smith e Tsimpli (1995) investigaram a gramática de um falante de inglês que havia aprendido 16 línguas, entre elas, italiano, grego e espanhol. Os autores observaram que o aprendiz produzia sujeito nulo apropriadamente, mas não aceitava inversão livre de sujeito em sentença declarativa (embora o permitis-

se em interrogativa), nem extração QU- de sujeito em sentença encaixada com complementizador visível.

3.1.4 Tsimpli e Roussou (1991)

O estudo realizado por Tsimpli e Roussou (1991) vai na direção contrária: eram aprendizes adultos de uma língua *pro-drop* (grego) adquirindo uma língua não *pro-drop* (inglês). Os autores observaram que os aprendizes reconheceram bem a agramaticalidade da ordem verbo-sujeito em declarativas, mas não tiveram um bom desempenho quanto à não extrabilidade de QU- sujeito⁷.

Resumindo, os estudos realizados nas décadas de 80 e 90 sobre o parâmetro *pro-drop* mostraram assimetria quanto à aquisição das propriedades supostamente envolvidas – sujeito nulo/preenchido, SV/ VS e *that-trace* – e à direcionalidade L1 > L2. Os falantes adultos de línguas não *pro-drop* (inglês) aprendizes de línguas *pro-drop* (grego, italiano, espanhol) reconheciam rapidamente o sujeito nulo, mas tinham dificuldade para reconhecer a possibilidade de inversão e extração de QU- nas sentenças subordinadas. Já os falantes adultos de línguas *pro-drop* (grego, italiano, espanhol) aprendizes de línguas não *pro-drop* (inglês) reconheciam rapidamente a obrigatoriedade da ordem sujeito-verbo, levavam tempo para reconhecer a obrigatoriedade do preenchimento da posição estrutural de sujeito, e tinham dificuldade para reconhecer a restrição relacionada à extração de QU- sujeito nas subordinadas.

Os resultados levaram a pelo menos duas linhas de análise. Na linha assumida por White (1985) e Liceras (1989), há uma reanálise do parâmetro. Assumia-se que determinadas propriedades não faziam parte do mesmo parâmetro. Esse poderia ser o caso da inversão livre de sujeito e da extração de QU- sujeito. Isso permitia concluir que algumas propriedades paramétricas poderiam ser reconfiguradas, mas outras não. Na linha assumida por Tsimpli e Roussou (1991) e Smith e Tsimpli (1995), posteriormente, assumida por outros autores, como Hawkins e Chan (1997), parâmetros não seriam reconfigurados na L2. O que acontecia era uma reestruturação (não reconfiguração) do parâmetro, a partir de uma análise do parâmetro, inconsciente e equivocada, por parte do aprendiz, em conformidade com os valores paramétricos da sua L1.

⁷ White (1989) encontrou resultados semelhantes em um estudo envolvendo a aquisição do inglês como L2 por falantes adultos de espanhol e francês. Embora os falantes de francês tenham tido um desempenho melhor que os de espanhol quanto à obrigatoriedade do sujeito, ambos os grupos tiveram o mesmo desempenho quanto à obrigatoriedade da ordem sujeito-verbo.

3.2 O MOVIMENTO DO VERBO E A ORDEM DE PALAVRAS

3.2.1 Herschensohn (1998)

Herschensohn (1998), com base nos pressupostos do minimalismo, defende uma hipótese construcionista para a aquisição de L2. De acordo com essa hipótese, a aquisição se dá em etapas específicas de construção morfo-lexical, de modo que há um período de significativa variabilidade na interlíngua.

A autora realizou um teste de produção, no qual buscava investigar, junto a falantes do inglês, aprendizes de francês como L2, o comportamento da negação, dos advérbios e do deslocamento do verbo.

Na L1 dos aprendizes, I tem traços verbais fracos, o que faz com que o verbo permaneça no VP. No francês, a L2 a ser adquirida, I tem traços verbais fortes que forçam o movimento do verbo em sintaxe aberta, derivando a ordem V-Adv/Neg.

Havia dois grupos de sujeitos: um de nível intermediário mais baixo e outro de nível intermediário mais alto. No primeiro teste, a autora trabalhou com os advérbios de frequência “souvent”, “rarement”, “ne... jamais” (“often”, “rarely”, “never”). No segundo, com os advérbios de qualidade “bien”, “mal” e a negação “ne... pas” (“well”, “poorly”, “not”).

Os principais desvios observados foram: flexão do verbo (4); ordem da negação (“jamais”) (5); ordem Adv-V (6); e ordem V-XP-Adv (7).

Os dados estão explicitados abaixo:

- (4) a. *Nous ne **bevons** *jamais* de lait. (= buvons)
‘Nós nunca bebemos leite.’
b. *Vous ne **faisez pas** vos devoirs. (= faites)
‘Você não faz o seu dever.’
- (5) a. *Nous ne *jamais* **prenons** une photo de ta famille. (= prenons jamais)
‘Nós nunca fazemos uma foto da tua família.’
b. *Jean ne *jamais* écrit une lettre à ta mère. (= écrit jamais)
‘Jean nunca escreveu uma carta para a tua mãe.’
- (6) a. *Tu *rarement* écris une lettre à ta mère. (= écris rarement)
‘Você raramente escreve uma carta para a sua mãe.’
b. *Je *bien* **fais** mes devoirs. (= fais bien)
‘Eu faço bem meu dever.’

- (7) a. *Jean **mange** des escargots *souvent*. (= mange souvent)
‘Jean come caracóis frequentemente.’
b. *Vous **jouez** au tennis *mal*. (= jouez mal)
‘Você joga tênis mal.’

Os dados mostram que, na flexão, há desvios no caso de verbos irregulares (*bevons* > *buvons*, *faissez* > *faites*). No caso da negação com “pas”, ambos os grupos não cometeram desvios. Diferentemente, com “jamais” houve um considerável desvio produzido pelo grupo de nível mais baixo.

Os desvios cometidos com relação à ordem Adv-V chamam atenção tanto pela recorrência quanto pelo fato de que, com os advérbios de qualidade, em que na L1 apresenta a ordem V-XP-Adv, houve a realização da ordem Adv-V. O maior índice de desvio em sentenças envolvendo advérbios foi encontrado com os de frequência, em que se tem na L1 a ordem Adv-V-XP, mas na L2, V-XP-Adv. Essas considerações parecem indicar que não se trata, portanto, de uma simples transferência da L1 para a L2.

Os testes evidenciam etapas de construção no processo de aquisição do francês como L2, a saber:

- (i) persistência dos valores da L1 (por exemplo, ordem neg./AV-XP);
- (ii) enfraquecimento dos valores da L1;
- (iii) “construções” adquiridas na L2 para determinados itens lexicais (por exemplo, *pas*);
- (iv) aquisição gradual do traço [+ interpretável];
- (v) generalização da construção referente à classe morfo-lexical da L2 (a negação, por exemplo); e
- (vi) o valor da flexão é definido como forte e, então, a morfologia torna-se completa.

Na etapa (i), os valores paramétricos da L1 persistem, e são produzidos desvios na L2 como, por exemplo, as ordens Neg-V e Adv-V. Em seguida, os dados com “pas” produzidos na L2 aparentemente não revelam desvios, o que significa ausência de transferência da L1. Ao deslocar o verbo e flexioná-lo, o aprendiz demonstra ter deixado o traço fraco de flexão do inglês. Nas etapas (iii), (iv) e (v), isto é, relacionadas com a aquisição de construções morfo-lexicais, verifica-se uma oscilação em função do item específico, “pas” ou “jamais”. Com “pas”, não houve desvios, diferentemente do que se observou com “jamais”.

Os dados a seguir mostram que aprendizes de nível intermediário mais alto foram capazes de produzir sentenças de acordo com os padrões da língua-alvo, tanto com relação à posição do advérbio, quanto da negação:

(8) a. Vous *ne savez pas* du tout la réponse.

‘Você não sabe de toda a resposta.’

b. Tu *vas rarement* au cinéma.

‘Você raramente vai ao cinema.’

c. Marie *lit mal* ce roman.

‘Maria lê mal este romance.’

Os testes mostraram que as etapas detectadas no processo de aquisição de L2 se dão de modo construcionista: há uma perda dos valores da L1, seguida de subespecificação e construção dos valores da L2 e, finalmente, a reconfiguração paramétrica. No período de subespecificação os valores da L2 foram adotados para construções específicas – “pas” antes de “jamais” – e depois para advérbios – os de qualidade antes dos de frequência.

3.2.2 Robertson e Sorace (1999)

Em um estudo realizado por Robertson e Sorace (1999), sobre a aquisição da ordem oracional do inglês/L2 por falantes do alemão, foram constatados desvios relacionados à posição do verbo.

A L1 dos aprendizes é V2, ao passo que a L2 é V3. O parâmetro V2 estaria sendo transferido para a gramática da interlíngua:

(9) *At breakfast **does** Maria drink coffee.

‘No café da manhã Maria toma café.’

Contudo, os autores observaram, por meio da aplicação de um teste de julgamento de aceitabilidade a aprendizes em nível avançado, que a maioria dos sujeitos participantes sabia que as construções com V2 eram agramaticais, e aquelas com V3 eram gramaticais na língua-alvo. Poucos indivíduos aceitavam *V2, mas não consistentemente, configurando, assim, opcionalidade residual.

Os autores explicam a opcionalidade residual com base nas entradas lexicais da interlíngua. Em Alemão, C tem traços fortes que atraem o verbo, produzindo o efeito V2. Esses traços abstratos de C da L1 são copiados para C da L2. C na L2 tem duas entradas lexicais: uma com traços fortes e outra com traços fracos. Quando C [+forte] é selecionado do léxico, tem-se o efeito V2. Se C [+fraco] é

selecionado, o verbo não se move e a ordem é V3, como na língua-alvo. A opcionalidade se deve ao fato de que um item lexical está presente, mas nem sempre é selecionado pelo aprendiz de L2. Na medida em que aprendiz se torna mais proficiente, C [+forte] é cada vez menos selecionado.

3.2.3 Lardiere (2000)

Lardiere (2000) apresentou os resultados de um estudo longitudinal realizado com Patty, uma falante nativa de chinês, que se mudou para os EUA aos 22 anos. Patty vivia neste país há 10 anos quando a autora começou a coletar os dados, em situação de produção espontânea e elicitção de julgamento de gramaticalidade.

Em linhas gerais, a autora investigou se a ausência de marcas flexionais nos dados de produção refletiria “falha” na representação sintática da interlíngua, precisamente, quanto aos traços funcionais relevantes na estrutura da oração do inglês. Contrariamente às hipóteses de “falha” representacional, segundo as quais a opcionalidade nos estágios finais de aquisição se deve à impossibilidade de seleção de traços funcionais, a autora postula uma dissociação entre morfologia e sintaxe, isto é, entre flexão morfológica e conhecimento sintático subjacente.

Um dos aspectos observado foi a relação entre o paradigma flexional de 3ps “-s” e o movimento do verbo. Nos dados, a materialização do morfema “-s” era quase inexistente. No entanto, ao mesmo tempo, não se observava movimento de verbo temático para C. Considerando que C em inglês é [+fraco], impedindo, assim, que verbos temáticos se desloquem e aterrissem à esquerda da negação e de advérbios, se Patty produzisse e/ou aceitasse tal deslocamento, a ausência de marca de concordância nos verbos em 3ps poderia estar refletindo “falha” na representação da interlíngua, quanto à seleção dos traços de Tempo e Concordância⁸.

Com base nos resultados, a autora defende a modularidade dos domínios gramaticais. Sua hipótese se contrapõe àquelas que defendem que a opcionalidade relacionada ao movimento de verbo refletiria “falha” na aquisição da morfologia de concordância verbal e, portanto, da força dos traços abstratos dos núcleos funcionais. Para ela e outros autores, devem-se distinguir traços abstratos de sua materialização morfológica.

⁸ Outro aspecto observado que vale destacar é a presença de CP, que, dentro das teorias de aquisição, constitui evidência para a representação de categorias funcionais mais baixas, o que inclui Tempo e Concordância no IP (ou TP). Os dados não apresentam problemas em sentenças interrogativas e relativas.

Como assinala White (2003b, p. 180), não há nada na GU que determine que a concordância em inglês deva ser materializada como “-s” na 3ps, porque, efetivamente, não há nada na GU que determine que traços abstratos devam se manifestar visivelmente.

3.3 ESTUDOS DE INTERFACE SINTAXE-PRAGMÁTICA

3.3.1 Sorace e Filiaci (2006)

Sorace e Filiaci (2006) apresentaram os resultados de um experimento de interpretação anafórica de sujeitos pronominais por falantes monolíngues de italiano e falantes de inglês aprendizes de italiano em nível próximo ao nativo. Os autores compararam os resultados desses dois grupos em um experimento de interpretação anafórica intra-sentencial, a partir da verificação de figuras. Os itens experimentais eram sentenças complexas que consistiam em uma oração matriz e subordinada, não necessariamente nesta ordem:

- (10) a. Mentre lei_{k/l}/pro_i si mette il cappotto, la mamma_i dà un bacio alla figlia_k.
‘Enquanto ela/pro veste o seu casaco, a mãe beija a filha.’
b. La mamma_i dà un bacio alla figlia_k, mentre lei_{k/l}/pro_i si mette il cappotto.
‘A mãe beija a sua filha, enquanto ela/ pro veste o casaco.’

Com relação aos pronomes sujeito nulo em contexto de anáfora e catáfora, os dois grupos apresentaram resultados semelhantes. Contudo, os falantes de italiano/L2 mostraram preferência pelo sujeito da oração matriz como possível antecedente para os pronomes sujeito preenchidos, especialmente em contexto de anáfora.

Os autores sugerem duas possibilidades de análise para a opcionalidade verificada nos resultados: subespecificação no nível da representação; e recursos de processamento insuficientes para a integração de informação envolvida na interface da sintaxe com outros domínios cognitivos. Os próprios autores assinalam que a primeira análise é problemática, já que os participantes podem interpretar apropriadamente sujeitos nulos nas orações encaixadas. Assim sendo, a segunda análise seria mais plausível. É importante enfatizar, porém, que, neste caso, a explicação não faz referência à representação.

3.3.2 Lozano (2003)

Lozano (2003) investigou a aquisição de pronomes nulos/plenos e da ordem de palavras por falantes de inglês aprendizes de espanhol/L2 e falantes de grego aprendizes de espanhol/L3. Aqui, vamos apresentar os resultados deste último,

ênfatisando a aquisição da ordem SV/VS em contexto de foco de sujeito não contrastivo (nos termos do autor, foco apresentativo), envolvendo predicados inergativos e inacusativos.

O autor assumiu que a ordem canônica em sentenças declarativas do espanhol é a SV. VS ocorreria em contexto neutro (*¿Qué pasó?*), com predicados inacusativos, e em contexto de foco de sujeito não contrastivo (*¿Quién...?*), em predicados inacusativos e inergativos⁹.

Quanto à distribuição SV/VS, haveria restrição da GU – envolvendo os princípios UH e UTAH¹⁰ – e restrição discursiva, governada pela ausência/presença do traço funcional [+Foco]. Segundo o autor, a força do traço do núcleo Foc nas línguas investigadas – espanhol, grego e inglês – em contexto de foco neutro, de foco contrastivo e de foco informativo, explicaria a diferença entre elas.

O foco contrastivo seria determinado por um Foc que se concatena ao TP, e o foco informativo, por um Foc que se concatena ao VP. Em outras palavras, Foco de TP-externo seria contrastivo, e Foco de TP-interno seria informativo. Já o foco neutro não interferiria na posição estrutural.

De acordo com essa análise, em espanhol e grego, em construções envolvendo foco contrastivo, Foc com traço [+Forte] deve ser checado em sintaxe visível e, por isso, atrai o núcleo flexional T. O movimento do conteúdo focalizado satisfaz o que é denominado na literatura de Critério de Foco¹¹. Como em inglês Foc tem um traço [-Forte], não há desencadeamento de movimento em sintaxe visível, apenas em LF. O foco é marcado prosodicamente ou por clivagem.

Com relação ao foco informativo, em espanhol, o elemento focalizado deve ocupar a última posição, mas, em grego e inglês, deve permanecer *in situ*. Em espanhol, o traço [+Forte] requer o movimento do elemento focalizado para a

⁹ Ver Ruas (2017) para uma descrição mais elaborada sobre a ordem de palavras em espanhol e uma discussão sobre a alternância SV/VS.

¹⁰ A Hipótese da Inacusatividade (UH) distingue dois tipos de verbos intransitivos: os inacusativos e os inergativos. Os primeiros selecionam um sujeito em posição de argumento interno, isto é, de objeto. Eles não atribuem caso acusativo e o sujeito não recebe papel temático de agente. Os inergativos selecionam um sujeito em posição de argumento externo. A Hipótese da Uniformidade de Atribuição Theta (UTAH) prevê que agentes são mapeados em posição de sujeito, e temas, em posição de objeto, antes de *Spell-Out*.

¹¹ Este critério prediz que:

- (i) Um operador [+Foco] deve estar em uma relação de concordância *Spec-head* com um núcleo [+Foco].
- (ii) Um núcleo [+Foco] deve estar em uma relação de concordância *Spec-head* com um operador [+Foc].

posição de TP-interno, isto é, [Spec, FocP]. Em grego e inglês, o traço é [-Forte] e, portanto, não requer movimento de constituinte. O elemento focalizado permanece *in situ*.

- (11) [Contexto: Quem tem o livro?]
a. Lo tiene Juan.
b. #Juan lo tiene.
- (12) [Contexto: O que eles emprestaram a Pedro?]
a. Dhanisan to vivlio ston Petro.
'Emprestaram o livro a Pedro'
b. *Dhanisan ston Petro to vivlio.
- (13) [Contexto: Quem contou a história para Maria?]
a. Peter told the story to Mary.
b *Told the story to Mary Peter.

O autor apresentou vários estudos sobre a aquisição de inacusatividade em L2, para mostrar que aprendizes são sensíveis à distinção inacusativo/inergativo, sobretudo em níveis avançados, o que parece estar restrito pela GU. Tanto os aprendizes de espanhol/L2 falantes de inglês quanto os aprendizes de espanhol/L3 falantes de grego preferiram VS a SV com verbos inacusativos, mas SV a VS com verbos inergativos em contextos neutros.

No entanto, a distribuição da ordem SV/VS em espanhol/L2 se distanciava da gramática-alvo quando envolvia foco estreito de sujeito não contrastivo. Nesse contexto, eles usavam SV/VS, independentemente do tipo de verbo, o que configuraria opcionalidade.

A opcionalidade é explicada pela diferença da força do traço do núcleo Foc entre as línguas, e atribuída à Hipótese da Interface.

4. PROBLEMATIZANDO

Nesta seção, temos o objetivo de apontar algumas questões com implicações para modelos de representação em ASL.

4.1 Problematizando o parâmetro como primitivo válido

Como esclarecemos, o problema lógico da linguagem na aquisição de segunda língua foi formulado no intuito de se investigar se aprendizes adultos alcançam

conhecimento inconsciente para além do que o *input* permite observar. Em uma perspectiva paramétrica clássica, uma evidência seria a aquisição de todas as propriedades supostamente envolvidas em um determinado parâmetro. Muitos investigaram a aquisição do parâmetro *pro-drop*. Os resultados mostravam que as propriedades não eram adquiridas de uma só vez, podendo, inclusive, levar à opcionalidade nos estágios finais.

Alguns desses pesquisadores explicavam as discrepâncias questionando se, de fato, as propriedades refletiam o mesmo parâmetro. Assim, era possível defender a hipótese de reconfiguração paramétrica. Duas linhas de análise foram estabelecidas: uma de reconfiguração paramétrica, e outra de não reconfiguração paramétrica.

A teoria de Princípios e Parâmetros foi criticada como modelo válido para a ASL, entre outros motivos, devido à ausência dos mesmos efeitos de conjunto de propriedades na L1 e na L2 (CARROL, 2001).

Uma das argumentações mais contundentes foi formulada por Lardiere (2008). Como assinala Lardiere (2008, p. 108), a ideia de reconfiguração paramétrica pressupõe uma mudança “tudo ou nada”, uma “mudança bruta”. Nas palavras da autora,

[...] a persistência de variabilidade observada nos dados de aquisição não é, assim, prevista, na medida em que a presença ou ausência de alguma propriedade gramatical particular deveria ser amarrada ao valor [\pm] de um parâmetro particular. Por outro lado, a pertinência da variabilidade não pode necessariamente ser tida como um parâmetro que não foi configurado (LARDIERE, 2008, p. 108, tradução nossa).

Em uma abordagem minimalista, a variabilidade flexional na L2 é atribuída à “falha” na seleção de traços formais, já que a variação paramétrica está relacionada às propriedades morfológicas das categorias funcionais, responsáveis pela derivação sintática.

Com base nos resultados da pesquisa longitudinal que realizou com Patty, Lardiere argumenta que a principal dificuldade do aprendiz tem a ver com a remontagem (do inglês, *reassembly*) de traços. A competência morfológica incluiria: conhecimento de que formas devem ser materializadas com quais traços; quais fatores condicionam e são de natureza fonológica, morfossintática ou discursiva; quais são as formas opcionais ou obrigatórias e o que constitui um contexto obrigatório; e em que domínios os vários traços são manifestados e agrupados em combinação com que outros traços.

4.2 Problematizando a reconfiguração paramétrica

Como desdobramento do problema lógico da linguagem em ASL – saber se aprendizes adultos alcançam conhecimento inconsciente para além do que o *input* permite observar – esteve no centro dos estudos pioneiros investigar se esse conhecimento seria alcançado via GU. Partindo do pressuposto de que os princípios da GU restringem a gramática da língua nativa do aprendiz, discutia-se o papel da L1 na L2. Uma das hipóteses amplamente aceitas é a de Transferência Total/Acesso Total, que prevê a reconfiguração paramétrica¹².

Postular a mudança linguística – da L1 para a L2 – em termos de reconfiguração paramétrica é, para alguns, problemático, do ponto de vista da representação. Uma vez que o aprendiz tenha reconfigurado o parâmetro, não deveria haver opcionalidade. Como a opcionalidade não pode ser explicada dentro de um modelo de representação que prevê a reconfiguração paramétrica, ela costuma ser atribuída a questões de desempenho ou processamento. Outro problema seria explicar a assimetria verificada na compreensão e na produção de aprendizes. Se o aprendiz reconfigurou um parâmetro, não deveria haver diferenças em função do tipo de tarefa.

Amaral e Roeper (2014) defendem que, em vez de reconfiguração paramétrica, no sentido de substituição ou apagamento de propriedades formais, o papel do aprendiz é acomodar regras aparentemente contraditórias em sub-gramáticas. Os autores argumentam que um modelo de representação é pré-requisito para explicar como o conhecimento linguístico muda, e como o indivíduo usa sua gramática para processar sentenças.

O modelo das *Gramáticas Múltiplas* proposto pelos autores não seria um problema nem para a opcionalidade, nem para a assimetria produção/compreensão, já que, aqui, cabe ao aprendiz “selecionar”, e não “substituir ou apagar”.

4.3 Problematizando a Hipótese da Interface

Os estudos envolvendo a interface sintaxe-discurso são mais recentes na literatura. A *Hipótese da Interface* tem sido sustentada com base em estudos

¹² Esclarecemos que, ao longo dos anos, a expressão “reconfiguração paramétrica” deixou de estar associada à reconfiguração de um conjunto de propriedades em ASL, passando a denotar genericamente a mudança de uma propriedade formal da L1 na L2, como, por exemplo, a reconfiguração da força de um traço [+forte] para [-forte]. Consideramos que, conceitualmente, não deixa de ser um problema em si o uso de tal expressão dentro de uma abordagem minimalista. Para nós, seria mais apropriado o uso da expressão “reconfiguração de propriedades formais”.

sobre a aquisição de sujeito pronominal (nulo e preenchido). Também têm sido realizados estudos envolvendo ordem de palavras e estrutura da informação, tais como, foco estreito de sujeito e deslocamento clítico à esquerda. De acordo com Sorace (2011, p. 1), estruturas que envolvem apenas computação sintática não só são completamente adquiridas como são adquiridas mais cedo na L2. Estruturas envolvendo a sintaxe e outros domínios cognitivos seriam menos prováveis de serem adquiridas completamente.

White (2009) e Montrul (2011) assinalam a necessidade de definir sintaxe estrita e interface, e de explicar a implicação disso em termos de representação. Como interfaces podem ser definidas dentro de um modelo formal da gramática? Existem estruturas que requerem apenas computação sintática, mas não condições de interface?

Além da implicação teórica, acrescentamos que, empiricamente, carece de poder explicativo, já que não faltam evidências de que a opcionalidade é comumente atestada em quaisquer domínios da gramática¹³.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, tivemos o objetivo de apresentar uma breve revisão da pesquisa gerativista em ASL, ao longo de quase 40 anos.

Cabe assinalar os desafios para a elaboração de uma teoria de aquisição de segunda língua capaz de dar conta da complexidade que envolve esse processo – não há dúvidas de que uma teoria de representação por si só não seria capaz de explicar tudo o que está envolvido. O desenvolvimento da interlíngua está condicionado a muitos fatores, internos e externos ao indivíduo. Corroborando as colocações de White (2003a, p. 36), porém, não se pode perder de vista que a GU não é, por si só, uma teoria de aquisição/aprendizagem. Além de uma teoria de restrições sobre a representação da interlíngua, é necessária uma teoria sobre como a representação é adquirida, uma teoria de desenvolvimento.

Como esclarece a autora, uma teoria de representação descreve a gramática do aprendiz, uma gramática que no tempo *x* consiste em propriedades *x*, e no tempo *y* consiste em propriedades *y*, sem explicar como ela se desenvolve. Diferentemente, uma teoria do desenvolvimento busca explicar como o *input* da L2 interage com a gramática já existente, que propriedades do *input* atuam como gatilho para a mudança, que propriedades forcem a mudança para a representação

¹³ Para uma discussão mais aprofundada, com base nos dados de falantes adultos do português brasileiro aprendizes de espanhol, ver Ruas (2017).

vigente e o que conduz os estágios de aquisição. Teorias de aquisição devem explicar tanto o problema de representação como o de desenvolvimento.

Esperamos, aqui, poder contribuir com a difusão deste campo de estudo no Brasil, onde não há agendas de pesquisa consolidadas. Ainda são poucos os que se dedicam a esta área, dentro da abordagem gerativista. Os estudos já realizados estão isolados. Acreditamos que agendas são importantes, pois possibilitam o debate – o que enriquece a qualidade da pesquisa – e também a meta-análise dos estudos realizados. Além do mais, potencializam o diálogo com as pesquisas em outros países. A aquisição de uma L2 por falantes de diferentes L1s, bem como a aquisição de diferentes L2s por falantes de uma mesma L1, são empiricamente relevantes para a averiguação de hipóteses. E o português brasileiro apresenta propriedades particularmente interessantes para o estudo em ASL, seja no sentido $L1_{PB} > L2, L3_{\text{Outras línguas}}$ ou $L1_{\text{Outras línguas}} > L2, L3_{PB}$. Essa observação se estende aos estudos sobre bilinguismo (simultâneo) e língua de herança.

REFERÊNCIAS

AMARAL, L.; ROEPER, T. Multiple Grammars and Second Language Representation. *Second Language Research*, v. 30, n. 1, p. 3-36, 2014.

BLEY-VROMAN, R. The Logical Problem of Foreign Language Learning. *Linguistic Analysis*, v. 20, n. 1, p. 3-49, 1990.

BOECKX, C. What Principles and Parameters Got Wrong. In: PICALLO, C. (Ed.). *Linguistic Variation and the Minimalist Program*. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 155-178.

CARROLL, S. E. *Input and Evidence: the Raw Material of Second Language Acquisition*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

CHOMSKY, N. A Review of B. F. Skinner's Verbal Behavior. *Language*, v. 35, n. 1. p. 26-58, 1959.

_____. *Knowledge of Language: its Nature, Origin and Use*. New York: Praeger, 1986.

_____. *The Minimalist Program*. Cambridge: MIT Press, 1995.

CLAHSEN, H.; MUYSKEN, P. The Availability of Universal Grammar to Adult and Child Learners: A Study of the Acquisition of German Word Order. *Second Language Research*, v. 2, n. 2, p. 93-119, 1986.

EGUREN, L.; FERNÁNDEZ-SORIANO, O.; MENDIKOETXEA, A. *Rethink-*

ing Parameters. Oxford: Oxford University Press, 2016.

EUBANK, L. Negation in Early German-English Interlanguage: More Valueless Features in the L2 Initial State. *Second Language Research*, v. 12, n. 1, p. 73-106, 1996.

_____.; et al. Tom Eats Slowly Cooked Eggs: Thematic-Verb Raising in L2 Knowledge. *Language Acquisition*, v. 6, n. 3, p. 171-199, 1997.

FLYNN, S. *A Parameter-Setting Model of L2 Acquisition*. Dordrecht: Reidel, 1987.

HAWKINS, R.; CHAN, C.Y. H. The Partial Availability of Universal Grammar in Second Language Acquisition: the ‘Failed Functional Features Hypothesis’. *Second Language Research*, v. 13, n. 3, 187-226, 1997.

HENRY, A. *Belfast English and Standard English*. Oxford: Oxford University Press, 1995.

HERSCHENSOHN, J. Minimally Raising the Verb Issue. In: GREENHILL, A. et al. (Ed.). *Proceedings of the 22nd Annual Boston University Conference on Language Development*. Somerville, MA: Cascadilla Press, 1998. p. 325-336.

LARDIERE, D. Mapping Features to Forms in Second Language Acquisition. In: ARCHIBALD, J. (Ed.). *Second Language Acquisition and Linguistic Theory*. Oxford: Blackwell, 2000. p. 102-129.

_____. Feature Assembly in Second Language Acquisition. In: LICERAS, J. M.; ZOBL, H.; GOODLUCK, H. (Ed.). *The Role of Formal Features in Second Language Acquisition*. New York: Lawrence Erlbaum Associates, 2008. p. 106-140.

LICERAS, J. On Some Properties of the “Pro-Drop” Parameter: Looking for Subject in Non-Native Spanish. In: GASS, S.; SCHACHTER, J. (Ed.). *Linguistic Perspectives on Second Language Acquisition*. New York: Cambridge University Press, 1989. p. 109-133.

LOZANO, C. *Universal Grammar and Focus Constraints: The Acquisition of Pronouns and Word Order in Non-Native Spanish*. 2003. 322 p. Tese (Doutorado em Aquisição de Segunda Língua) – Department of Language and Linguistics, University of Essex, Reino Unido, 2003.

MEISEL, J. The Acquisition of the Syntax of Negation in French and German: Contrasting First and Second Language Acquisition. *Second Language Research*, v. 13, n. 3, p. 227-263, 1997.

MONTRUL, S. A. Interfaces and Incomplete Acquisition. *Lingua*, v. 121, n. 4, p. 591-604, 2011.

PLATZACK, C. The Initial Hypothesis of Syntax: A Minimalist Perspective on Language Acquisition and Attrition. In: CLAHSEN, H. (Ed.). *Generative Perspectives on Language Acquisition: Empirical Findings, Theoretical Considerations, Crosslinguistic Comparisons*. Amsterdam: John Benjamins, 1996. p. 369-414.

ROBERT, I. G.; HOLMBERG, A. Introduction: Parameters in Minimalist Theory. In: BIBERAUER, T.; et al. *Parametric Variation: Null Subjects in Minimalist Theory*. Cambridge University Press, 2010. p. 1-57.

ROBERTSON, D.; SORACE, A. Losing the V2 Constraint. In: KLEIN, E.; MARTOHARDJONO, G. (Ed.). *The Development of Second Language Grammars: A Generative Approach*. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p. 317-361.

RUAS, S. S. A. *Aquisição da ordem de palavras do espanhol mexicano como L2 por falantes adultos brasileiros*. 386 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SAUTER, K. *Transfer and Access to Universal Grammar in Adult Second Language Acquisition*. 2002. 212 p. Tese (Doutorado em Letras) – Faculteit der Letteren, Rijksuniversiteit Groningen, 2002.

SCHACHTER, J. Testing a Proposed Universal. In: GASS, S.; SCHACHTER, J. (Ed.). *Linguistic Perspectives on Second Language Acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 73-88.

SCHWARTZ, B. D.; SPROUSE, R. L2 Cognitive States and the Full Transfer/ Full Access Model. *Second Language Research*, v. 12, n. 1, p. 40-72, 1996.

SKINNER, B. F. *Verbal Behavior*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1957.

SMITH, N.; TSIMPLI, I. M. *The Mind of a Savant*. Oxford: Blackwell, 1995.

SORACE, A. Initial States, End-States, and Residual Optionality in L2 Acquisition. In: GREENHILL, A.; LITTLEFIELD, H.; TANO, C. (Ed.). *Proceedings of the 23rd Boston University Conference on Language Development*. Somerville: Cascadilla Press, 1999. p. 666-674.

_____. Near-Native. In: DOUGHTY, C. J.; LONG, M. H. (Ed.). *The Handbook of Second Language Acquisition*. Malden: Blackwell, 2003. p. 130-151.

- _____. Pinning Down the Concept of “Interface” in Bilingualism. *Linguistic Approaches to Bilingualism*, v. 1, n. 1, p. 1-33, 2011.
- _____.; FILIACI, F. Anaphora Resolution in Near-Native Speakers of Italian. *Second Language Research*, v. 22, n. 3, p. 339-368, 2006.
- TORIBIO, A. J. Setting Parametric Limits on Dialectal Variation in Spanish. *Lingua*, v. 10, p. 315-341, 2000.
- TSIMPLI, I. M.; MASTROPAVLOU, M. Feature Interpretability in L2 Acquisition and SLI: Greek Clitics and Determiners. In: LICERAS, J. M.; ZOBL, H.; GOODLUCK, H. (Ed.), *The Role of Formal Features in Second Language Acquisition*. New York: Lawrence Erlbaum Associates, 2008. p. 142-183.
- _____.; ROUSSOU, A. Parameter-Resetting in L2? *UCL Working Papers in Linguistics*, 1991. p. 149-170.
- VALENZUELA, E. On Complementizer Phrase Positions in L2 Spanish. In: LICERAS, J. M.; ZOBL, H.; GOODLUCK, H. (Ed.). *The Role of Formal Features in Second Language Acquisition*. New York: Lawrence Erlbaum Associates, 2008. p. 535-560.
- WHITE, L. The Pro-Drop Parameter in Adult Second Language Acquisition. *Language Learning*, v. 35, n. 1, p. 47-62, 1985.
- _____. *Universal Grammar and Second Language Acquisition*. Amsterdam: John Benjamins, 1989.
- _____. On the Nature of Interlanguage Representation: Universal Grammar in the Second Language. In: DOUGHTY, C. J.; LONG, M. H. (Ed.). *The Handbook of Second Language Acquisition*. Malden: Blackwell, 2003a. p. 19-42.
- _____. *Second Language Acquisition and Universal Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003b.
- _____. Grammatical Theory: Interfaces and L2 knowledge. In: RITCHIE, W. C.; BHATIA, T. K. (Ed.). *The New Handbook of Second Language Acquisition*. Bingley: Emerald Group Publishing, 2009. p. 49-68.

